



Amor e arrebatamento na trilogia de Lol V Stein

Juliana Tassara Berni

Psicanalista, mestra e doutora em Psicologia (UFMG).

Palavras-chave: Marguerite Duras; Amor; Arrebatamento; Contemporaneidade.

A escrita de Marguerite Duras é arrebatadora. Não é possível ler Duras sem ser arrebatado por ela. Acabamos por nos envolver na narrativa e tornamo-nos presas de um texto voraz que, ao ser devorado, nos devora também. A própria autora chama sua escrita de “selvagem”:

Isso torna a escrita selvagem. Vai-se ao encontro de uma selvageria anterior à vida. (...) Não é apenas a escrita, o escrito, é o grito das feras noturnas, de todos, de você e eu, os gritos dos cães. É a vulgaridade maciça, desesperadora, da sociedade” (Duras, 1994, p. 22).

E diferencia sua escrita da “dos outros”:

Os livros dos outros, eu os acho “adequados”, mas muitas vezes me parecem dependentes de um classicismo sem risco algum. A palavra seria fatal, sem dúvida. Não sei (Ibid., p. 33).

O que chamaremos aqui de trilogia de Lol, escrita por Duras entre 1964 e 1973, tem como eixo condutor o arrebatamento de Lol V Stein. O primeiro livro foi traduzido em português por *O deslumbramento* (1986). Completam a trilogia as obras *L'Amour* (1971) e *La femme du Gange* (1973), este último também composto de um filme.

No primeiro livro, o único tratado por Lacan, a autora nos apresenta a personagem Lol V Stein através da voz de um narrador que também é personagem, Jacques Hold. A narrativa se tece em torno da cena do baile, na qual Lol é preterida por seu noivo Michael Richardson que se encanta com outra mulher, Anne Marie Stretter e deixa o baile com ela. Lol fica sem palavras e, quando eles partem, deixando-a com a amiga Tatiana no cassino já então praticamente vazio, expressa o que não consegue nomear com um grito, antes de cair desfalecida. “Naquele instante preciso, Lol se vê dilacerada, sem voz para pedir ajuda. [...] carregada em um enlouquecimento regular e vão de todo seu ser” (Duras, 1986, p. 30).

Arrebatada da cadeia simbólica, sem encontrar significante capaz de emoldurar seu sofrimento, Lol grita pela primeira vez. É o esvaziamento do significante, a nudez na qual Lol se encontra ao ser excluída no baile que se torna, a partir daí, o fio condutor da narrativa. “Será que isso vai mais longe? Sim, até o indizível dessa nudez que se insinua substituindo seu próprio corpo. É aí que tudo se detém” (Lacan, 2003, p. 201).

Dez anos se passam e Lol volta a S. Thala. Casada e com filhos parece estar completamente adaptada. Copiando as vitrines, as revistas e os hábitos burgueses da época, Lol cria para si uma vida como outra qualquer. A palavra faltosa, o que a própria Duras chama de “palavra-ausência, palavra-buraco”, impede que a narrativa avance. Essa ausência faz com que o enredo, ao invés de ancorar a narrativa, caminhe para a dúvida e perturbe o narrador. Hold, seduzido pelos olhos transparentes de Lol, tenta capturá-la, compreendê-la em sua loucura, mas ela sempre escorrega por suas mãos levando-o para regiões da linguagem que ele não é capaz de compreender. Todas as tardes, então, Lol vai até o campo de centeio. No retângulo da janela do hotel, Hold e Tatiana se amam por imposição do desejo de Lol. Assim, Lol faz-se existir enquanto mancha cinza, enquanto excluída, existindo na nudez de Tatiana Karl, “Ela não é o voyeur. O que acontece a realiza” (Lacan, 2003, p. 202).

A crença em que refazer a cena do baile pudesse apaziguar o sofrimento de Lol faz com que Jacques Hold a leve novamente a T. Beach. Eles fazem uma viagem de trem e visitam o casino no qual aconteceu o baile há dez anos. Eles passam a noite juntos e Lol delira. Ela é também Tatiana Karl. No dia seguinte eles retornam a S. Thala. Hold vai até o hotel para se encontrar com Tatiana e vê Lol adormecida no campo de centeio. Assim termina o primeiro livro.

É também assim que começa o segundo livro. Em *L'Amour* reencontramos Lol encostada no paredão da praia de olhos fechados, adormecida. O nome “Lol V Stein”, tantas vezes repetidos no primeiro livro, agora não existe, ela é apenas “a mulher”. Morta-

viva, sem nome próprio e desprovida de desejo, ela vaga pelas areias da praia dedicando-se a seguir o viajante (Michael Richardson). Os personagens muitas vezes se fundem em um só: Lol, o louco, o viajante, o cachorro morto, o grito das gaivotas (Duras, 1971).

O livro traz um vazio em sua essência, não há ordem cronológica e o enredo é pobre em acontecimentos. Há uma viagem, um cachorro morto, o nascimento de um bebê, um incêndio. O louco zela pela loucura de Lol. Ambos seguem o viajante. O texto parece repetir de forma delirante acontecimentos do primeiro livro: “A polícia está aí embaixo”, “ela usa um vestido de verão, tem os cabelos pretos” e Lol diz: “Eu sou a morte de S. Thala” (Ibid.).

Quando o viajante pronuncia a palavra “Amor” – e esta é a única vez em que tal palavra aparece no texto –, os olhos de Lol se abrem: “eles olham sem se ver, sem reconhecer nada, depois se fecham, voltam a escuridão” (Ibid., p. 125).

Na terceira obra, Duras começa nos advertindo de que *La femme du Gange*¹ são dois filmes, o filme das vozes e o filme das imagens. As vozes não são uma narração das imagens, tampouco coincidem com o que é visto. As duas vozes femininas relembram a cena do baile. Com frases curtas de uma lembrança nebulosa elas contam e recontam fragmentos do que aconteceu naquela noite. “Antes do baile? Depois do baile? Antes do baile, ainda? O baile, fogo central do desejo, durou uma só noite. Elas reconstróem a ruína.” E, se no segundo livro, a palavra “Amor” aparece uma única vez, em *La femme du Gange* ela é repetida diversas vezes pelas vozes: “Que amor era. Que desejo... Impossível... Terrível” ou “Que amor era... Inteiro... Mortal...” (Duras, 1973).

No filme das imagens, os estranhos personagens vagam pela praia de T. Beach. São como sombras de personagens de *O deslumbramento*. Temos aí, novamente, o Louco da praia (agora desdobrado em dois), a mulher de vestido preto, o viajante e Lol V Stein. Lol caminha na praia como uma errante, segue o louco.

Não há um enredo propriamente dito, mas acontecimentos que acabam por esclarecer passagens do livro anterior. O filme começa com a chegada do viajante na praia. Michael Richardson volta à T. Beach e vai até o casino municipal. Ele encontra o salão de baile como o havia deixado anos atrás, as mesas nas mesmas posições, as plantas verdes caídas e, sobre a mesa de buffet, a echarpe preta de Lol. Ele vaga pelo hotel desolado. Lol o segue. Ela o segue para nunca deixar de vê-lo, dizem as vozes. “O que lhe resta agora é o que diziam de você quando você era pequena, que você nunca estava exatamente ali” (Lacan, 2003, p. 201).

1
La femme du Gange foi filmado em apenas 12 dias em novembro de 1972 e foi lançado em 1974. Tem a direção da própria Marguerite Duras e o elenco conta com Gérard Depardieu e Catherine Sellers.

No primeiro livro, através do narrador, Duras aponta que haveria uma palavra capaz de resgatar Lol:

Gosto de acreditar, como gosto dela, que se Lol está silenciosa na vida é porque acreditou, no espaço de um relâmpago, que essa palavra podia existir. Na falta de sua existência, ela se cala. Teria sido uma palavra-ausência, uma palavra-buraco. [...] Não seria possível pronunciá-la, mas seria possível fazê-la ressoar (Duras, 1986, p. 35).

No segundo livro da trilogia, *L'Amour*, Duras deixa entrever que a palavra faltosa, aquela capaz de, nas palavras da própria autora, redimir Lol é a palavra “Amor”. Pronunciada uma única vez no livro publicado quase dez anos depois do primeiro, ela é capaz de fazer os olhos da heroína se abrirem, mas quando isso acontece, já é tarde demais para Lol, o que fica evidente no terceiro livro.

É nesse sentido que a personagem de Duras põe em cena algo da contemporaneidade, demonstrando os efeitos da precariedade do simbólico. Lol está sozinha, sem o Outro, desprovida de significantes capazes de enfrentar o real, mas, mesmo assim “essa palavra que não existe e que, no entanto, está aí: espera você a uma volta da linguagem, desafia-o...” (Ibid.).

Referências

Duras, Marguerite. *O deslumbramento* (Le ravissement de Lol V. Stein). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Duras, Marguerite. *L'amour*. Éditions Gallimard, 1971.

Duras, Marguerite. *Nathalie Granger suivi de La femme du Gange*. Éditions Gallimard, 1973.

Duras, Marguerite. *Escrever*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Lacan, Jacques. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.